

hAVIA FOGO NA noite. Fogo que cauterizava o céu e empalidecia as estrelas. Fogo que lançava uma fumaça espessa sobre a terra entre os rios.

Finan me acordou.

— Encrenca — foi só o que disse.

Eadith se remexeu, e eu a empurrei para longe.

— Fique aqui — mandei, e rolei, saindo de baixo das peles.

Peguei uma capa de pele de urso e a coloquei em volta dos ombros antes de acompanhar Finan até a rua. Não havia luar, apenas as chamas se refletindo na grande mortalha de fumaça carregada para o interior pelo vento noturno.

— Precisamos de mais homens na muralha.

— Já fiz isso — disse Finan.

Então só me restava xingar. Xinguei.

— É Brunanburh — observou Finan, desolado, e xinguei de novo.

As pessoas se reuniam na rua principal de Ceaster. Eadith havia saído de casa enrolada numa capa enorme e com os cabelos ruivos brilhando à luz das lanternas acesas junto à porta da igreja.

— O que houve? — perguntou, sonolenta.

— Brunanburh — respondeu Finan, carrancudo.

Eadith fez o sinal da cruz. Vislumbrei seu corpo nu quando ela tirou a mão de baixo da capa para tocar a testa, depois voltou a apertar a lã pesada para fechá-la.

— Loki — falei.

Ele é o deus do fogo, não importa o que os cristãos digam. E Loki é o deus mais ardiloso de todos, um trapaceiro que engana, fascina, trai e machuca. O fogo é sua arma de dois gumes que pode nos aquecer, cozinhar, queimar ou matar. Toquei o martelo de Tor pendurado no pescoço.

— Æthelstan está lá.

— Se estiver vivo — acrescentou Finan.

Não havia o que fazer na escuridão. A viagem até Brunanburh demorava pelo menos duas horas a cavalo e levaria ainda mais tempo nesta noite escura, na qual tropeçaríamos ao atravessar a floresta e poderíamos cair numa emboscada preparada pelos homens que tinham incendiado o burh distante. Eu só podia ficar observando da muralha de Ceaster, para o caso de um ataque vir ao amanhecer.

Eu não temia um ataque desses. Ceaster fora construída pelos romanos e era uma das fortalezas mais resistentes de toda a Britânia. Os nórdicos precisariam atravessar um fosso inundado e apoiar escadas na alta muralha de pedra, e eles sempre relutaram em atacar fortalezas. Mas Brunanburh estava em chamas, então quem saberia que coisas improváveis o amanhecer poderia trazer? Era nosso burh mais novo, construído por Æthelflaed, que comandava a Mércia. Guardava o rio Mærese, que oferecia aos barcos nórdicos um caminho fácil para a área central da Britânia. Nos anos anteriores, o Mærese estivera movimentado, os remos mergulhando e impulsionando embarcações, os barcos com cabeça de dragão avançando contra a correnteza para trazer novos guerreiros à luta interminável entre nórdicos e saxões, porém Brunanburh havia interrompido esse tráfego. Mantínhamos lá uma frota de doze embarcações, suas tripulações protegidas pelos grossos muros de madeira da fortaleza, e os nórdicos tinham aprendido a temê-la. Agora, se chegassem ao litoral oeste da Britânia, iam para Gales ou então para Cumbraland, o território ermo e feroz ao norte do Mærese.

Menos esta noite. Esta noite havia chamas junto ao Mærese.

— Vista-se — falei a Eadith. Ninguém dormiria mais esta noite.

Ela tocou a cruz incrustada de esmeraldas pendurada no pescoço.

— Æthelstan — murmurou, como se rezasse por ele enquanto segurava a cruz. Ela havia se afeiçoado ao rapaz.

— Ou ele está vivo ou está morto — declarei rapidamente —, e só vamos saber de manhã.

Partimos pouco antes da alvorada, cavalgamos para o norte sob a luz cinzenta do fim da madrugada, seguindo a estrada pavimentada que atravessava o cemitério romano coberto pelas sombras. Levei sessenta homens, todos em cavalos rápidos e leves, de modo que, se nos deparássemos com um exército de nórdicos barulhentos, poderíamos fugir. Mandeï batedores à frente, mas estávamos com pressa, portanto não havia tempo para a precaução costumeira, que era esperar os informes deles antes de prosseguir. Dessa vez, nosso aviso seria a morte dos batedores. Deixamos a estrada romana e seguimos a trilha que tínhamos aberto na floresta. Nuvens haviam chegado do oeste, e caía uma garoa fina, no entanto a fumaça continuava subindo à frente. Uma chuva poderia apagar o fogo de Loki, mas não uma garoa, e a fumaça zombava de nós e nos atraía.

Então saímos da floresta onde os campos se transformavam num pântano e o pântano se fundia ao rio, e lá, a oeste de nós, no amplo trecho de água prateada, havia uma frota. Vinte, trinta barcos, talvez mais... Era impossível dizer porque estavam atracados próximos demais uns dos outros, porém mesmo de longe pude ver que as proas eram decoradas com as feras dos nórdicos: águias, dragões, serpentes e lobos.

— Santo Deus — comentou Finan, pasmo.

Apressamo-nos, seguindo uma trilha de gado que serpenteava pelo terreno mais alto na margem sul do rio. O vento batia em nosso rosto, soprando subitamente e causando ondulações no Mærse. Ainda não conseguíamos ver Brunanburh porque o forte ficava atrás de uma encosta coberta de árvores, mas um movimento repentino na borda da floresta indicou a presença de homens, e meus dois batedores viraram os cavalos e galoparam de volta. Quem quer que os tivesse alarmado sumiu entrando na densa folhagem de primavera, e pouco depois uma trombeta soou lúgubre no alvorecer cinzento e úmido.

— Não é o forte que está pegando fogo — declarou Finan, incerto.

Em vez de dizer algo, virei-me para o interior, saindo da trilha para o pasto luxuriante. Os dois batedores se aproximaram, os cascos dos cavalos levantando torrões de terra úmida.

— Há homens em meio às árvores, senhor! — gritou um deles. — Pelo menos uns vinte, provavelmente mais!

— E prontos para lutar — informou o outro.

— Prontos para lutar? — perguntou Finan.

— Escudos, elmos, armas — explicou o segundo homem.

Levei meus sessenta homens para o sul. O cinturão de novas árvores formava uma barreira entre nós e Brunanburh, e, se algum inimigo esperasse, certamente estaria impedindo o caminho pela trilha. Se seguissemos por ela, poderíamos cavalgar direto para sua parede de escudos escondida entre as árvores, mas, ao me virar para o interior, eu iria obrigá-los a se mover, a se desorganizar. Apressei o passo, instigando o cavalo até um meio galope. Meu filho avançava ao meu lado esquerdo.

— Não é o forte que está pegando fogo! — gritou ele.

A fumaça se dissipava. Ainda subia por trás das árvores, uma mancha cinzenta que se misturava às nuvens baixas. Parecia vir do rio, e suspeitei que Finan e meu filho estivessem certos: não era o forte que queimava, e sim os barcos. Nossos barcos. Mas como os inimigos haviam chegado àquelas embarcações? Se tivessem vindo à luz do dia, seriam vistos, os defensores do forte ocupariam os barcos e iriam desafiá-los, e vir à noite seria impossível. O Mærse era raso e interrompido por bancos de terra. Nenhum comandante teria esperanças de conduzir uma embarcação até tão fundo no interior na escuridão de uma noite sem luar.

— Não é o forte! — gritou Uhtred para mim outra vez.

Ele fez com que isso parecesse uma boa notícia, mas meu temor era de que o forte tivesse caído em mãos inimigas e que sua paliçada espessa estivesse protegendo uma horda nórdica. Por que eles queimariam o que poderiam defender com facilidade?

O terreno se elevava. Eu não conseguia ver nenhum inimigo entre as árvores. Isso não significava que não estivessem lá. Quantos eram? Trinta embarcações? Com facilidade poderiam ser mil homens e deviam saber que viíamos de Ceaster. Se eu fosse o líder deles, estaria esperando logo atrás das árvores, e isso sugeria que eu devia avançar mais lentamente e mandar os batedores à frente outra vez, mas em vez disso instiguei o cavalo a avançar. Meu

escudo estava às costas e não o peguei, apenas afrouxando Bafo de Serpente na bainha. Eu agia com raiva e de forma imprudente, mas o instinto me dizia que nenhum inimigo aguardava logo depois da floresta. Os nórdicos podiam ter esperado na trilha, mas ao me virar para o interior eu lhes dera pouco tempo para reorganizar uma parede de escudos no terreno mais elevado. O cinturão de árvores ainda escondia o que estivesse depois dele, e eu virei o cavalo e segui para o oeste outra vez. Mergulhei no meio das folhas, abaixei-me ao passar por um galho, deixei o cavalo escolher o caminho pela floresta e logo havia passado pelas árvores. Puxei as rédeas, diminuindo a velocidade, observando, parando.

Nenhum inimigo.

Meus homens passaram rapidamente pela grama baixa e pararam atrás de mim.

— Graças a Deus — disse Finan.

O forte não tinha sido tomado. O estandarte do cavalo branco da Mércia ainda tremulava acima da fortificação, e ao lado dele estava a bandeira do ganso, de Æthelflaed. Um terceiro estandarte pendia na muralha, um novo, que eu havia ordenado que fosse feito pelas mulheres de Ceaster. Mostrava o dragão de Wessex, segurando um relâmpago numa garra levantada. Era o símbolo do príncipe Æthelstan. O garoto pedira uma cruz cristã em sua bandeira, mas ordenei que em vez disso fosse bordado o relâmpago.

Eu chamava Æthelstan de garoto, mas agora ele era um homem, com 14 ou 15 anos. Tinha ficado alto, e seu ar travesso de menino fora mitigado pela experiência. Havia homens que desejavam sua morte, e ele sabia, por isso seus olhos tinham se tornado vigilantes. E era bonito, ou pelo menos Eadith me dizia isso; aqueles olhos vigilantes e cinzentos num rosto de traços marcados, sob os cabelos pretos como as asas de um corvo. Eu o chamava de príncipe Æthelstan, e os homens que desejavam sua morte o chamavam de bastardo.

E muitas pessoas acreditavam nas mentiras deles. Æthelstan havia nascido de uma linda garota de Cent que morrera durante o parto, mas seu pai era Eduardo, filho do rei Alfredo e agora rei de Wessex. Depois disso, Eduardo se casou com uma jovem saxã ocidental e se tornou pai de outro filho, o que fazia de Æthelstan uma inconveniência, especialmente devido ao boato de

que ele não era ilegítimo, já que Eduardo se casara secretamente com a garota de Cent. Verdade ou não — e eu tinha bons motivos para saber que a história do primeiro casamento era totalmente verdadeira —, isso não importava, porque para muitos, no reino de seu pai, Æthelstan era o filho indesejado. Ele não havia crescido em Wintanceaster, como os outros filhos de Eduardo, e sim na Mércia. Eduardo dizia gostar do garoto, mas o ignorava, e na verdade Æthelstan era um incômodo. Era o filho mais velho do rei, o ætheling, mas tinha um meio-irmão mais novo, cuja mãe vingativa desejava sua morte porque ele se interpunha entre o filho dela e o trono de Wessex. Mas eu gostava de Æthelstan. Gostava o suficiente para querer que ele chegasse ao trono que era seu por direito de nascimento. No entanto, para ser rei, ele precisava primeiro conhecer as responsabilidades de um homem, por isso eu tinha lhe dado o comando do forte e da frota em Brunanburh.

E agora a frota não existia mais. Estava queimada. Saía fumaça dos cascos junto aos restos carbonizados do píer que havíamos passado um ano construindo. Tínhamos cravado fileiras de estacas de olmo que avançavam água adentro e estendêramos a passarela para além da marca da maré baixa, formando um atracadouro onde uma frota de batalha poderia estar sempre a postos. O atracadouro havia sido destruído, assim como os barcos esguios de proa alta. Quatro deles estavam à deriva acima da marca da maré e ainda fumegavam, o restante não passava de costelas enegrecidas na água rasa, e, na extremidade do píer, três embarcações com cabeça de dragão estavam atracadas nas estacas chamuscadas. Outras cinco se encontravam um pouco além, usando os remos para manter os cascos contra a correnteza do rio e a maré vazante. O restante da frota inimiga se encontrava quase um quilômetro rio acima.

E, em terra, entre nós e o cais incendiado, havia homens. Homens usando cotas de malha, homens com escudos e elmos, homens com lanças e espadas. Deviam ser uns duzentos, tinham arrebanhado os poucos bois e vacas que encontraram e os estavam levando para a margem do rio, onde os animais eram mortos para que a carne pudesse ser carregada. Olhei de relance para o forte. Æthelstan comandava cento e cinquenta homens, e eu os vi em grande número sobre a paliçada, mas ele não parecia tentar impedir a retirada do inimigo.

— Vamos matar alguns desgraçados — falei.

— Senhor? — perguntou Finan, cauteloso com o inimigo em maior número.

— Eles vão fugir — declarei. — Querem a segurança das embarcações, e não um combate em terra.

Desembainhei Bafo de Serpente. Os nórdicos que desembarcaram estavam todos a pé e espalhados. A maioria se encontrava perto da extremidade do cais incendiado, onde poderiam formar facilmente uma parede de escudos, mas dezenas estavam ocupados com o gado. Fui na direção destes.

E estava com raiva. Eu comandava a guarnição de Ceaster, e Brunanburh fazia parte dela. Era um forte avançado e tinha sido pego de surpresa, seus barcos foram queimados e eu estava com raiva. Queria sangue ao amanhecer. Beijei o punho de Bafo de Serpente e esporeei o cavalo. Descemos a encosta baixa a pleno galope, as espadas desembainhadas e as lanças estendidas. Desejei ter trazido uma lança, mas era tarde demais para lamentar. Os homens que arrebanhavam o gado nos viram e tentaram fugir, mas estavam na área pantanosa e o gado começou a entrar em pânico, e os cascos dos nossos cavalos retumbavam no terreno úmido de orvalho. O grupo maior de inimigos formava uma parede de escudos onde os restos carbonizados do píer encontravam a terra seca, mas eu não tinha intenção de lutar com eles.

— Quero prisioneiros! — gritei para meus homens. — Quero prisioneiros!

Um dos barcos nórdicos veio em direção à praia, como reforço para os homens em terra ou para oferecer uma possibilidade de fuga. Mil pássaros brancos subiram da água cinzenta, chilreando, voando em círculos acima do pasto onde a parede de escudos havia se formado. Vi um estandarte acima dos escudos entrelaçados, mas não tive tempo de olhar com atenção, porque meu cavalo atravessou a trilha ribombando e desceu o barranco até a linha de maré.

— Prisioneiros! — gritei de novo.

Passei por um novilho morto, cujo sangue escorria grosso e preto na lama. Os homens tinham começado a retalhá-lo, mas fugiram. Logo eu estava no meio desses fugitivos. Usei a parte chata da lâmina de Bafo de Serpente para derrubar um deles. Virei-me. Meu cavalo escorregou na lama, empinou, e, quando retomou o equilíbrio, usei seu peso para cravar a espada no peito de outro homem. A lâmina perfurou o ombro dele, afundando-se na carne. Sua

boca se encheu de sangue, e instiguei o garanhão à frente para arrancar a lâmina pesada do homem agonizante. Finan me ultrapassou, em seguida meu filho passou galopando, empunhando sua espada Bico de Corvo e se curvando na sela para enfiá-la nas costas de um homem que corria. Um norueguês de olhos arregalados tentou me acertar com o machado, mas me esquivei com facilidade. Então a ponta da lança de Berg Skallagrimmrson entrou nas costas do sujeito, passou pelas tripas e surgiu reluzente e ensanguentada na barriga. Berg cavalaria com a cabeça descoberta, seus cabelos longos e loiros como os de uma mulher eram enfeitados com falanges e fitas. Ele riu para mim enquanto soltava o cabo da lança e desembainhava a espada.

— Estraguei a cota de malha dele, senhor!

— Quero prisioneiros, Berg!

— Primeiro vou matar uns desgraçados, tudo bem?

Ele esporeou o cavalo e se afastou, ainda sorrindo. Era um guerreiro norueguês, devia ter uns 18 ou 19 verões de idade, mas já havia remado um barco até Horn, na ilha de fogo e gelo que ficava distante, no Atlântico, e lutado na Irlanda, na Escócia e em Gales. E contava histórias de quando remou terra adentro através das florestas de bétula que, segundo ele, cresciam a leste das terras norueguesas. Dizia que lá havia gigantes de gelo e lobos do tamanho de garanhões.

— Quase morri mil vezes, senhor — contou, mas agora só vivia porque eu tinha salvado sua vida. Ele se tornou meu vassalo, era jurado a mim, e a meu serviço arrancou a cabeça de um fugitivo com apenas um golpe de espada. — É! — gritou para trás, para mim. — Eu afio bem a lâmina!

Finan estava à beira d'água, suficientemente perto para um homem na embarcação que se aproximava atirar uma lança na direção dele. A arma se cravou na lama, e Finan se curvou com desprezo para pegá-la. Em seguida, esporeou o cavalo e foi até um homem caído que sangrava na lama. Voltou a olhar para o barco, certificando-se de que era visto, depois ergueu a lança, pronto para enfiá-la na barriga do ferido. Então parou e, para minha surpresa, jogou a lança para o lado. Apeou e se ajoelhou perto do ferido, falou por um momento e depois se levantou.

— Prisioneiros! — gritou ele. — Precisamos de prisioneiros!

Uma trombeta soou no forte e eu me virei, vendo homens se lançando do portão de Brunanburh. Vinham com escudos, lanças e espadas, prontos para formar uma parede que impeliria a força inimiga para o rio, no entanto os invasores já partiam e não precisavam de nossa ajuda. Vadeavam perto das estacas chamuscadas e passavam ao redor dos barcos fumegantes para subir nas embarcações mais próximas. A embarcação que se aproximava parou, revolvendo a água rasa com seus remos. Relutava em enfrentar meus homens, que gritavam insultos e esperavam na beira do rio com espadas em punho e lanças ensanguentadas. Mais inimigos vadeavam na direção dos barcos com cabeças de dragão.

— Deixem! — gritei.

Antes, eu queria sangue no alvorecer, mas não havia vantagem em trucidar um punhado de homens nos baixios do Mærse e perder talvez uns dez. A frota principal do inimigo, que devia conter outras centenas de guerreiros, já remava rio acima. Para enfraquecê-la, eu precisava matar aquelas centenas, e não somente uns poucos.

As tripulações das embarcações mais próximas gritavam, zombando de nós. Observei enquanto mais homens eram levados a bordo e me perguntei de onde teria vindo aquela frota. Fazia anos que eu não via tantos barcos do norte. Instiguei meu cavalo para ir até a beira d'água. Um homem atirou uma lança, que caiu longe. Embainhei Bafo de Serpente para mostrar ao inimigo que aceitava o fim da luta, e vi um homem de barba cinzenta bater no cotovelo de um rapaz que pretendia atirar outra lança. Acenei com a cabeça para o barba cinzenta, que ergueu a mão em reconhecimento.

Quem seriam eles? Os prisioneiros nos diriam logo, e tínhamos capturado quase uns vinte deles, que agora eram despojados das cotas de malha, dos elmos e dos bens valiosos. Finan se ajoelhava outra vez perto do homem ferido, falando com ele. Instiguei meu cavalo a avançar até lá, depois parei, atônito, porque Finan tinha se levantado e agora mijava no sujeito, que tentava debilmente golpeá-lo com a mão enluvada.

— Finan? — chamei.

Ele me ignorou. Falou com o prisioneiro em sua língua irlandesa e o sujeito respondeu com raiva no mesmo idioma. Finan gargalhou, então pareceu

xingá-lo, entoando palavras com brutalidade e clareza, com os dedos estendidos na direção do rosto molhado de mijo como se lançasse um feitiço. Admiti que o que quer que estivesse acontecendo não era da minha conta e olhei de novo para os barcos na extremidade do cais arruinado, bem a tempo de ver o porta-estandarte do inimigo entrar na última embarcação de proa alta que restava. O homem usava cota de malha e teve dificuldade para subir pela lateral, até que entregou o estandarte e ergueu os dois braços para ser puxado a bordo por outros dois guerreiros. Reconheci o estandarte e mal ousei acreditar no que via.

Haesten?

Haesten.

Se algum dia este mundo já conteve a personificação de um pedaço de bosta humana inútil, traiçoeira e coberta de gosma, esse alguém era Haesten. Eu o conhecia desde sempre; na verdade tinha salvado sua vida miserável e ele havia jurado lealdade a mim, apertando minhas mãos, que, por sua vez, apertavam o punho de Bafo de Serpente. Ele chorou lágrimas de gratidão enquanto prometia ser meu vassalo, me defender, me servir, e em troca receber meu ouro, minha lealdade. Em poucos meses tinha violado o juramento e passado a lutar contra mim. Havia jurado paz a Alfredo e violara também esse juramento. Comandara exércitos para devastar Wessex e a Mércia, até que, por fim, em Beamfleot, eu havia acuado seus homens e escurecido os riachos e os pântanos com o sangue deles. Enchemos fossos com seus mortos. Naquele dia os corvos se refestelaram, mas Haesten tinha escapado. Ele sempre escapava. Perdera o exército, mas não a astúcia, e veio de novo, dessa vez a serviço de Sigurd Thorrson e Cnut Ranulfson, que morreram em outro massacre, mas de novo Haesten escapara.

Agora ele estava de volta, e seu estandarte era um crânio preso numa estaca. Aquela coisa zombava de mim no barco mais próximo, que agora se afastava impelido pelos remos. Os homens a bordo gritavam insultos, e o porta-estandarte balançava o crânio de um lado para o outro. Para além dessa embarcação estava outra maior, com um grande dragão na proa que erguia a boca cheia

de dentes, e na popa vi um homem com capa, usando um elmo de prata encimado por asas pretas de corvo. Ele tirou o elmo e me fez uma reverência zombeteira, e vi que era Haesten. Ele ria. Tinha queimado meus barcos e roubado algumas cabeças de gado, e para Haesten isso era vitória suficiente. Não era vingança por Beamfleot: para equilibrar essa balança de sangue ele precisaria me matar e matar todos os meus homens, mas nos fizera parecer imbecis e abriu o Mærse para uma grande frota nórdica que agora remava rio acima. Uma frota de inimigos que vinha tomar nossa terra, comandados por Haesten.

— Como um desgraçado feito Haesten comanda tantos homens? — perguntei.

— Não comanda. — Meu filho havia conduzido seu cavalo até a água rasa e puxou as rédeas perto de mim.

— Não?

— Quem comanda é Ragnall Ivarson.

Não falei nada, mas senti um arrepio atravessar meu corpo. Ragnall Ivarson era um nome que eu conhecia, um nome que todos nós conhecíamos, um nome que havia espalhado medo por todo o mar da Irlanda. Era um norueguês que se dizia Rei do Mar, pois suas terras se espalhavam por onde quer que ondas ferozes quebrassem em pedra ou areia. Governava onde as focas nadavam e os papagaios-do-mar voavam, onde os ventos uivavam e as embarcações eram destroçadas, onde o frio cortava como faca e as almas dos afogados gemiam na escuridão. Seus homens tinham capturado as ilhas ermas no litoral da Escócia, conquistado terras no litoral da Irlanda e escravizado pessoas em Gales e na ilha de Mann. Era um reino sem fronteiras, uma vez que sempre que um inimigo ficava forte demais os homens de Ragnall entravam em seus barcos compridos e navegavam para outro litoral deserto. Eles atacaram o litoral de Wessex, levando escravos e gado, e até subiram o rio Sæfern para ameaçar Gleawecestre, embora a muralha da fortaleza os tenha desencorajado. Ragnall Ivarson. Eu nunca o havia encontrado, mas o conhecia. Conhecia sua reputação. Nenhum homem comandava melhor uma embarcação, nenhum homem lutava com mais ferocidade, nenhum homem causava mais temor. Era um selvagem, um pirata, um rei louco de lugar nenhum, e minha filha, Stiorra, havia se casado com o irmão dele.

— E Haesten jurou lealdade a Ragnall. — Meu filho observava os barcos se afastarem. — Ragnall Ivarson desistiu das terras na Irlanda. — Uhtred continuou olhando para a frota. — Ele disse aos seus homens que o destino havia lhe garantido o domínio da Britânia.

Haesten era insignificante, pensei. Era um rato aliado a um lobo, um pardal sem penas empoleirado no ombro de uma águia.

— Ragnall abandonou as terras na Irlanda? — perguntei.

— Foi o que o sujeito disse. — Meu filho apontou para os prisioneiros.

Resmunguei. Eu sabia pouco sobre o que acontecia na Irlanda, mas nos últimos anos chegavam notícias de nórdicos sendo expulsos daquela terra. Embarcações tinham cruzado o mar com sobreviventes de combates ferozes, e homens que pensaram em ocupar terras na Irlanda agora as estavam procurando em Cumbraland ou no litoral de Gales, e alguns iam mais longe ainda, até a Nêustria ou a Francia.

— Ragnall é poderoso — comentei. — Por que simplesmente abandonaria a Irlanda?

— Porque os irlandeses o convenceram a ir embora.

— Convenceram?

Meu filho deu de ombros.

— Eles têm feiticeiros, feiticeiros cristãos que veem o futuro. Disseram que, se sair da Irlanda, Ragnall será rei de toda a Britânia, e lhe deram homens para ajudar. — Uhtred indicou a frota com a cabeça. — Há cem guerreiros irlandeses naqueles barcos.

— Rei de toda a Britânia?

— Foi o que o prisioneiro disse.

Cuspi. Ragnall não era o primeiro a sonhar que governaria toda a ilha.

— Quantos homens ele tem?

— Mil e duzentos.

— Tem certeza?

Meu filho sorriu.

— O senhor me ensinou bem, pai.

— O que eu ensinei?

— Que uma ponta de lança no fígado de um prisioneiro é muito persuasiva.

Observei os últimos barcos se afastarem para o leste. Logo sumiriam de vista.

— Beadwulf! — chamei.

Era um homem pequeno e magro com o rosto enfeitado com linhas de tinta como um dinamarquês, embora fosse saxão. Era um dos meus melhores batedores, capaz de atravessar uma campina como um fantasma. Indiquei com a cabeça os barcos que desapareciam.

— Pegue doze homens e siga os desgraçados. Quero saber onde vão desembarcar.

— Senhor — assentiu ele, e começou a se virar.

— Beadwulf! — gritei, e ele olhou para mim de novo. — Tente ver quais estandartes estão nos barcos. Procure um que tenha um machado vermelho! Se vir um machado vermelho, quero saber, rápido!

— Machado vermelho, senhor — repetiu ele, e se afastou rapidamente.

O machado vermelho era o símbolo de Sigtryggr Ivarson, marido da minha filha. Agora os homens o chamavam de Sigtryggr Caolho, porque eu havia arrancado seu olho direito com a ponta de Bafo de Serpente. Ele atacara Ceaster e fora derrotado, mas na derrota havia levado Stiorra. Ela não tinha partido como prisioneira, e sim como amante, e de vez em quando eu recebia notícias suas. Stiorra e Sigtryggr possuíam terras na Irlanda, e ela me escrevia cartas porque eu a fizera aprender a ler e escrever. “Cavalgamos na areia e através das colinas”, tinha escrito. “É lindo aqui. Eles nos odeiam.” Ela teve uma filha, minha primeira neta, e a havia chamado de Gisela, o nome de sua mãe. “Gisela é linda, e os padres irlandeses nos amaldiçoam. À noite gritam suas maldições e parecem pássaros selvagens morrendo. Adoro este lugar. Meu marido manda lembranças.”

Os homens sempre consideraram Sigtryggr o mais perigoso dos dois irmãos. Diziam que era mais inteligente que Ragnall e que sua habilidade com a espada era lendária, mas a perda do olho ou talvez o casamento com Stiorra o havia acalmado. Segundo boatos, Sigtryggr estava contente em cuidar de seus campos, pescar em seus mares e defender suas terras, mas será que ficaria contente caso o irmão mais velho estivesse capturando a Britânia? Por isso mandei Beadwulf procurar o machado vermelho. Queria saber se o marido da minha filha tinha virado meu inimigo.

O príncipe Æthelstan me encontrou enquanto a última embarcação inimiga desaparecia de vista. Chegou com seis homens, todos montando grandes garanhões.

— Senhor — gritou ele. — Sinto muito!

Sinalizei para que fizesse silêncio, com a atenção de novo em Finan, que discutia furiosamente com o sujeito caído aos seus pés. O homem ferido gritava também, e eu não precisava falar nada da estranha língua irlandesa para saber que os dois trocavam insultos. Eu raramente vira Finan com tanta raiva. Ele cuspia, arengava, gritava, as palavras ritmadas caíam com o peso de golpes de martelo. Elas golpeavam o oponente, que, já ferido, parecia enfraquecer sob os insultos. Os homens olhavam para os dois, pasmos diante daquele ódio. Então Finan se virou e pegou a lança que havia deixado de lado. Voltou para a vítima, falou mais alguma coisa e tocou o crucifixo pendurado no pescoço. Então, como se fosse um sacerdote levantando a hóstia, ergueu a lança com as duas mãos, a ponta virada para baixo, e a manteve no alto. Fez uma pausa, depois disse em inglês:

— Que Deus me perdoe.

Em seguida, baixou a lança violentamente, gritando com o esforço de fazer a ponta atravessar a cota de malha e o osso até o coração, e o homem se arqueou num espasmo. O sangue jorrou de sua boca, os braços e as pernas se agitaram durante alguns instantes de agonia, então não houve mais agonia e ele estava morto, a boca aberta, preso à margem do rio com uma lança que havia atravessado seu coração até se cravar no solo abaixo.

Finan chorava.

Instiguei meu cavalo até lá e me curvei para tocar seu ombro. Ele era meu amigo, o mais antigo, meu companheiro de uma centena de paredes de escudos.

— Finan? — chamei, mas ele não olhou para mim. — Finan! — repeti.

E desta vez ele me olhou. Havia lágrimas em seu rosto e sofrimento nos olhos.

— Acho que ele era meu filho — disse Finan.

— Era o quê? — perguntei, pasmo.

— Filho ou sobrinho, não sei. Que Deus me ajude, não faço ideia. Mas eu o matei.

Ele se afastou.

— Sinto muito — repetiu Æthelstan, parecendo tão arrasado quanto Finan. Ele encarou a fumaça que pairava lentamente sobre o rio. — Eles vieram à noite, e só soubemos quando vimos as chamas. Desculpe. Fracassei com o senhor.

— Não seja idiota — falei com rispidez. — Você não poderia impedir aquela frota!

Acenei a mão para a curva do rio onde a última embarcação do Rei do Mar havia desaparecido atrás de algumas árvores. Um dos nossos barcos em chamas se sacudiu, então houve um chiado enquanto o vapor engrossava a fumaça.

— Eu queria lutar contra eles — declarou Æthelstan.

— Então você é um idiota — retruquei.

Ele franziu a testa, depois indicou as embarcações em chamas e a carcaça retalhada de um bezerro.

— Eu queria impedir isso.

— Você deve escolher suas batalhas — falei com aspereza. — Você estava em segurança atrás dos muros, então por que perder homens? Não poderia impedir a frota. Além do mais, eles queriam que você saísse para lutar, e não é sensato fazer o que o inimigo quer.

— Foi o que eu disse a ele, senhor — interveio Rædwald.

Rædwald era um mércio mais velho, um homem cauteloso que eu tinha posto em Brunanburh para aconselhar Æthelstan. O príncipe comandava a guarnição, mas ele era jovem, por isso eu havia lhe dado seis homens mais velhos e mais sábios para impedi-lo de cometer os erros da juventude.

— Eles queriam que nós saíssemos? — perguntou Æthelstan, intrigado.

— Onde eles prefeririam lutar? — questionei. — Tendo você atrás dos muros? Ou em terreno aberto, parede de escudos contra parede de escudos?

— Eu disse isso, senhor! — exclamou Rædwald. Ignorei-o.

— Escolha suas batalhas — vociferei para Æthelstan. — Você tem esse espaço entre as orelhas para pensar! Se simplesmente atacar quando vir um inimigo, vai ganhar uma sepultura antes da hora.

— Foi isso... — começou Rædwald.

— Foi isso que você disse, eu sei! Agora, fique quieto!

Olhei rio acima, para a água sem barcos. Ragnall tinha trazido um exército à Britânia, mas o que faria com esses homens? Precisava de terras para alimentar seus homens, precisava de fortalezas para protegê-los. Tinha passado por Brunanburh, mas será que planejava dar meia-volta e atacar Ceaster? A muralha romana transformava a cidade numa ótima base mas também num obstáculo formidável. Então para onde ele iria?

— Mas foi isso que o senhor fez! — exclamou Æthelstan, interrompendo meus pensamentos.

— Fiz o quê?

— Atacou o inimigo! — Ele parecia indignado. — Agora mesmo! O senhor desceu o morro e atacou, apesar de eles estarem em maior número.

— Eu precisava de prisioneiros, sua paródia miserável de homem.

Eu queria saber como Ragnall tinha subido o rio no escuro. Ou fora um golpe de sorte incrível sua enorme frota se deslocar em meio aos bancos de terra do Mærse sem que nenhum barco encalhasse, ou então ele era um comandante ainda melhor do que sua reputação sugeria. Esse era um feito de navegação impressionante mas também desnecessário. Sua frota era gigantesca, e tínhamos apenas uns doze barcos. Ele poderia ter atravessado nossas forças sem que pudéssemos impedir, mas tinha decidido atacar à noite. Por que correr esse risco?

— Ele não queria que bloqueássemos o canal — sugeriu meu filho, e essa provavelmente era a resposta.

Mesmo que tivéssemos apenas algumas horas de aviso, poderíamos afundar nossas embarcações no canal principal do rio. Ragnall acabaria passando mesmo assim, porém seria obrigado a esperar pela maré alta, e suas embarcações mais pesadas teriam dificuldade para passar. Nesse meio-tempo, mandaríamos mensageiros rio acima para garantir que mais barricadas bloqueassem o Mærse e mais homens esperassem para receber suas embarcações. Em vez disso, ele havia passado por nós despercebido e já avançava para o interior.

— Foram os frísios — disse Æthelstan, desanimado.

— Frísios?

— Três barcos mercantes chegaram ontem à noite, senhor. Ancoraram no rio. Estavam transportando peles de Dyflin.

— Você os inspecionou?

Ele fez que não com a cabeça.

— Eles disseram que estavam carregando a peste, senhor.

— Então você não subiu a bordo?

— Com a peste, não, senhor.

A guarnição de Brunanburh tinha o dever de inspecionar cada embarcação que entrava no rio, principalmente para cobrar uma taxa sobre qualquer carga transportada, mas ninguém subiria num barco que tivesse a doença a bordo.

— Eles disseram que estavam carregando peles, senhor — repetiu Æthelstan —, e pagaram as taxas.

— E você os deixou em paz?

Ele assentiu, arrasado. Os prisioneiros me contaram o resto. Os três barcos mercantes haviam ancorado na área mais estreita do canal do Mærse, o lugar onde uma frota enfrentaria o maior perigo de encalhar, e acenderam lanternas que guiaram as embarcações de Ragnall para longe do perigo. A maré havia feito o resto. Se uma embarcação for deixada à deriva, ela geralmente seguirá a corrente mais rápida pelo canal mais fundo. E, assim que passou pelos três barcos mercantes, Ragnall simplesmente deixou o fluxo da maré carregá-lo até nosso cais. Lá queimou o cais e os barcos, de modo que agora suas embarcações podiam usar o rio em segurança. Agora poderiam vir reforços de seu reino marítimo. Ele havia rasgado nossa defesa do Mærse e estava à solta na Britânia com um exército.

Deixei Æthelstan decidir o que fazer com os prisioneiros. Eram quatorze, e o garoto resolveu que seriam executados.

— Espere a maré baixa — ordenou ele a Rædwald —, depois os amarre nas estacas. — Em seguida, indicou com a cabeça as toras chamuscadas que se projetavam em ângulos desajeitados no rio agitado. — Deixe que se afoguem quando a maré subir.

Eu já havia mandado Beadwulf para o leste, mas não esperava ter notícias dele durante pelo menos um dia. Ordenei que Sihtric enviasse homens para o sul.

— Eles devem cavalgar depressa e contar à senhora Æthelflaed o que está acontecendo. Diga que quero homens, muitos homens, todos os homens dela!

— Em Ceaster? — perguntou Sihtric.

Meneei a cabeça, pensando.

— Diga para mandá-los a Liccelfeld. E diga que eu vou para lá. — Virei-me e aponte para Æthelstan. — E você vem comigo, senhor príncipe. Traga a maior parte da guarnição de Brunanburh. E você — olhei para Rædwald — vai ficar aqui. Defenda o que restou. Pode ficar com cinquenta homens.

— Cinquenta! Isso não é o suficiente...

— Quarenta — vociferei. — E se perder o forte eu arranco seus rins e os como.

Estávamos em guerra.

Finan estava à beira d'água, sentado num grande tronco trazido pela maré. Sentei-me ao lado dele.

— Conte o que foi aquilo — pedi, indicando com a cabeça o cadáver ainda fixado pela lança.

— O que o senhor quer saber?

— O que você quiser contar.

Ficamos em silêncio. Gansos voavam acima, as asas batendo na manhã. Uma pancada de chuva veio e passou rapidamente. Um dos cadáveres peidou.

— Vamos para Liccelfeld — avisei.

Finan assentiu com a cabeça.

— Por que Liccelfeld? — perguntou depois de um tempo. A pergunta era respeitosa. Ele não estava pensando em Ragnall, nos noruegueses nem em qualquer coisa além do cadáver atravessado pela lança à beira do rio.

— Porque eu não sei para onde Ragnall vai — respondi. — Mas a partir de Liccelfeld podemos ir com facilidade para o norte ou para o sul.

— Norte ou sul — repetiu ele com a voz embotada.

— O desgraçado precisa de terras e vai tentar tomá-las no norte da Mércia ou no sul da Nortúmbria. Precisamos impedi-lo depressa.

— Ele vai para o norte — disse Finan, mas estava desatento. Deu de ombros. — Por que arranjaria briga com a Mércia?

Suspeitei que ele estivesse certo. A Mércia havia se tornado poderosa, as fronteiras protegidas por burhs, cidades fortificadas, e ao norte ficavam as terras conturbadas da Nortúmbria. Era território dinamarquês, mas os senhores dinamarqueses discutiam e lutavam entre si. Um homem forte como Ragnall poderia uni-los. Eu dissera repetidamente a Æthelflaed que deveríamos marchar para o norte e tomar as terras dos dinamarqueses divididos, mas ela não invadiria a Nortúmbria enquanto seu irmão Eduardo não trouxesse o exército saxão ocidental para ajudar.

— Não importa se Ragnall vai para o norte ou vem para o sul — declarei. — Esta é a hora de enfrentá-lo. Ele acabou de chegar. Não conhece o território. Haesten conhece, claro, mas até que ponto Ragnall confia naquela merda de fuinha? E, pelo que os prisioneiros disseram, o exército de Ragnall jamais lutou junto, por isso vamos golpeá-lo com força agora, antes que ele tenha chance de encontrar um refúgio e antes de se sentir seguro. Vamos agir como os irlandeses, vamos fazer com que ele se sinta indesejado.

Silêncio de novo. Olhei para os gansos, procurando um presságio em seu número, mas eram pássaros demais para contar. No entanto, o ganso era o símbolo de Æthelflaed, de modo que sua presença devia ser um bom sinal, não? Toquei o martelo pendurado no pescoço. Finan viu o gesto e franziu a testa. Depois pegou o crucifixo no pescoço e, com uma expressão de desagrado, puxou-o com força suficiente para arrebentar a tira de couro. Ele olhou para o badulaque de prata por um momento e em seguida o jogou na água.

— Eu vou para o inferno — murmurou.

Por um momento eu não soube o que dizer.

— Pelo menos ainda estaremos juntos — falei, por fim.

— É — concordou ele, sem sorrir. — Um homem que mata alguém de seu próprio sangue está condenado.

— Os padres cristãos dizem isso?

— Não.

— Então como você sabe?

— Eu sei. Foi por isso que meu irmão não me matou, tanto tempo atrás. Em vez disso, ele me vendeu para aquele traficante de escravos desgraçado.

Foi como Finan e eu nos conhecemos, acorrentados como escravos num banco e puxando remos compridos. Ainda carregávamos na pele a marca do traficante de escravos, mas o próprio traficante estava morto havia muito tempo, trucidado por Finan numa orgia de vingança.

— Por que seu irmão quis matá-lo? — perguntei, sabendo que pisava num terreno perigoso.

Em todos os longos anos de nossa amizade eu jamais soubera por que Finan tinha sido exilado de sua Irlanda.

Ele fez uma careta.

— Uma mulher.

— Que surpresa — falei ironicamente.

— Eu era casado — continuou ele, como se eu não tivesse dito nada.

— Uma boa mulher, filha do rei dos Uí Néills. E eu era príncipe do meu povo. Meu irmão também. O príncipe Conall.

— Conall — falei depois de algum tempo de silêncio.

— Os reinos da Irlanda são pequenos — prosseguiu ele, soturno, olhando por cima da água. — Reinos pequenos e reis grandiosos, e nós lutamos. Meu Deus, como adoramos lutar! Os Uí Néills, é claro, são o clã mais importante, pelo menos no norte. Éramos vassalos deles. Pagávamos tributos. Lutávamos por eles quando exigiam, bebíamos com eles e nos casávamos com suas boas mulheres.

— E você se casou com uma mulher Uí Néill? — instiguei.

— Conall é mais novo que eu — disse ele, ignorando a pergunta. — Eu deveria ser o próximo rei, mas Conall conheceu uma donzela dos Ó Domhnaills. Por Deus, senhor, ela era linda! Pelo nascimento não era nada! Não era filha de nenhum chefe tribal, era uma garota que cuidava de vacas. E era adorável. — Ele falava em tom pensativo, os olhos úmidos brilhando. — Tinha cabelos escuros como a noite, olhos como estrelas e um corpo gracioso como um anjo em pleno voo.

— E como se chamava? — indaguei.

Ele balançou a cabeça abruptamente, rejeitando a pergunta.

— E, Deus nos ajude, nós nos apaixonamos. Fugimos. Pegamos cavalos e partimos para o sul. Só a esposa de Conall e eu. Pensamos que iríamos cavalgar, nos esconder e nunca seríamos encontrados.

— E Conall perseguiu vocês?

— Os Uí Néills nos perseguiram. Deus sabe que foi uma caçada. Todo cristão na Irlanda sabia de nós, sabia do ouro que ganharia se nos encontrasse, e sim, Conall cavalgava com os homens dos Uí Néills.

Não falei nada. Esperei.

— Nada é secreto na Irlanda — continuou Finan. — É impossível se esconder. Os duendes veem você. As pessoas veem você. Encontre uma ilha num lago e eles sabem que você está lá. Vá para o topo de uma montanha e eles vão encontrá-lo, esconda-se numa caverna e eles vão caçá-lo. Deveríamos ter pegado uma embarcação, mas éramos jovens. Não sabíamos.

— Eles encontraram vocês.

— Encontraram, e Conall prometeu que tornaria minha vida pior que a morte.

— Vendendo você a Sverri? — Sverri era o traficante que nos marcou com ferro em brasa.

Ele assentiu.

— Tiraram meu ouro, fui chicoteado, obrigado a me arrastar na merda dos Uí Néills, depois fui vendido a Sverri. Sou o rei que nunca foi rei.

— E a garota?

— E Conall ficou com minha esposa Uí Néill. Os padres permitiram, encorajaram, e ele criou meus filhos como se fossem seus. Eles me amaldiçoaram, senhor. Meus próprios filhos me amaldiçoaram. Aquele ali — ele indicou com a cabeça o cadáver — me amaldiçoou agora mesmo. Eu sou o traidor, o amaldiçoado.

— E ele é seu filho? — perguntei delicadamente.

— Ele não quis dizer. Pode ser. Ou pode ser de Conall. Tem o meu sangue, de qualquer modo.

Fui até o morto, pus o pé direito na barriga dele e puxei a lança. Foi difícil, e o cadáver fez um som de sucção obsceno quando arranquei a ponta larga. Havia uma cruz ensanguentada no peito do morto.

— Os padres vão enterrá-lo — eu disse. — Vão fazer orações por ele. — Joguei a lança na água rasa e me virei de novo para Finan. — O que aconteceu com a garota?

Ele voltou os olhos vazios para o rio que estava com manchas escuras das cinzas dos nossos barcos.

— Durante um dia deixaram os guerreiros dos Uí Néills fazerem o que quisessem com ela. E me obrigaram a olhar. Depois tiveram misericórdia, senhor. Eles a mataram.

— E o seu irmão mandou homens para ajudar Ragnall?

— Os Uí Néills mandaram homens para ajudar Ragnall. E sim, meu irmão está no comando.

— E por que fizeram isso?

— Porque os Uí Néills querem ser os reis de todo o norte. Da Irlanda e da Escócia, do norte inteiro. Ragnall pode ficar com as terras dos saxões. Esse é o acordo. Ele os ajuda, eles o ajudam.

— E ele começa pela Nortúmbria?

— Ou pela Mércia — sugeriu Finan, dando de ombros. — Mas eles não vão parar por lá, porque querem tudo.

Era o sonho antigo, o sonho que havia assombrado minha vida inteira, o sonho dos nórdicos, de conquistar a Britânia. Eles tentaram com frequência e chegaram muito perto do sucesso, mas nós, os saxões, ainda vivíamos e lutávamos, de modo que agora metade da ilha era nossa outra vez. No entanto, deveríamos ter perdido! Os nórdicos eram violentos, vinham com fúria, e seus exércitos escureciam a terra, mas tinham uma fraqueza fatal. Eram como cães que brigavam uns com os outros, e a invasão só era perigosa quando um cão era mais forte e conseguia rosnar, morder e obrigar os outros a cumprir suas ordens. Porém, uma derrota despedaçava seus exércitos. Seguiam um homem enquanto ele tivesse sucesso, mas, se esse homem demonstrasse fraqueza, o abandonavam aos montes para encontrar presas mais fáceis.

E Ragnall havia comandado um exército até aqui. Um exército de noruegueses, dinamarqueses e irlandeses, e isso significava que ele tinha unido nossos inimigos. Isso o tornava perigoso.

Só que Ragnall não obrigara todos os cães a obedecer.

Descobri outra coisa pelos prisioneiros. Sigtryggr, o marido da minha filha, tinha se recusado a navegar com o irmão. Ele ainda estava na Irlanda. Beadwulf chegaria a outra conclusão porque veria a bandeira do machado vermelho, imaginando que ela pertencia a Sigtryggr, porém dois prisioneiros me contaram que os irmãos compartilhavam o símbolo. Era a bandeira do falecido pai dos dois, o machado vermelho e sangrento de Ivar, mas o de Sigtryggr, pelo menos por enquanto, estava descansando. O de Ragnall havia aberto um buraco sangrento nas nossas defesas, porém meu genro continuava na Irlanda. Toquei meu martelo e rezei para que Sigtryggr permanecesse por lá.

— Temos de ir — falei com Finan.

Porque precisávamos fustigar Ragnall até derrotá-lo.

E pensei que cavalgaríamos para o leste.